

Apostando na escola pública

* 4 FEV 1991

Considerando a Escola como uma das instituições fundamentais para qualquer processo de mudança social, posso afirmar que o Governo que estiver comprometido efetivamente com um projeto de transformação da sociedade terá que ousar, transformar esta escola que está aí.

Como haverá crescimento econômico com mão-de-obra desqualificada, trabalhadores desnutridos, insatisfeitos e com baixo poder aquisitivo?

Como haverá desenvolvimento social com a grande massa de analfabetos que continua a nos desafiar, com o aumento crescente da marginalidade, prostituição e violência, o uso abusivo de drogas?

Como haverá progresso cultural se não descobrirmos as nossas próprias raízes e continuarmos apenas como colonizados que somos, a importar e acreditar somente em valores alienígenas?

Como enfim acreditar que pode haver crescimento econômico, desenvolvimento social ou progresso cultural sem que a grande massa de cidadãos que produz não tiver participação no processo de transformação?

No Brasil especificamente, citaria os jovens que em esmagadora maioria também não são chamados a participar dessa construção que, por ser coletiva, deveria ter a colaboração de todos, incluindo as crianças marginalizadas por nosso modelo autoritário e paternalista.

As grandes preocupações dos educadores e cientistas sociais hoje é perceber que não dá mais para continuar a se demolir a escola como se tem feito até agora.

Urge que nos debrucemos sobre a falência desta instituição e passemos da simples fase de discussão e denúncias para a ação. Estamos cansados de repetir e ouvir repetir as causas do fracasso da nossa escola. E acredito até que não basta discutir a escola pública, é preciso discutir a escola, a Educação como um todo, como um único processo global que deverá ter suas especificidades de acordo com o alunado a que se destina.

Também é preocupação nossa que as discussões ligadas ao econômico, ao social e ao cultural envolvam o conceito de felicidade.

Ora, tanto a escola pública quanto a particular têm que possuir a preocupação de não perder de vista que o homem é um ser social, respeitando também sua individualidade, seu direito à diferença.

Sabemos hoje o quanto está doente a sociedade e, aí não me refiro apenas ao Brasil. Podemos perceber que os males que afligem homens e mulheres de nosso tempo na busca da felicidade são comuns também aos países altamente desenvolvidos.

Teremos que discutir séria e profundamente o papel da escola como elemento de apoio e estruturação do "ser" para integrá-lo à vida. De que maneira temos sido capazes de exercer este papel?

Em que momento da nossa história abandonamos o papel de educadores e nos tornamos apenas professores, meros transmissores de conhecimentos?

Será válida essa discussão? Haverá mesmo necessidade de educadores? Ou podemos apenas preparar ótimos conteúdos que permitirão aos alunos "vencer na vida"? Evidentemente os favorecidos dentro da sociedade serão sempre aqueles que poderão lucrar com este tipo de escola.

Mas aí está o problema!

Até temos feito isso através dos anos e no entanto não podemos afirmar que o modelo econômico e social é o ideal. Suas deformações e dificuldades mostram hoje a necessidade urgente de mudanças. E me parece impossível mudar sem passar pelas escolas.

Vejo as escolas como possíveis espaços libertadores de autoconhecimento e desenvolvimento da consciência crítica do homem, para poder exercer seu papel como "Ser-Indivíduo" e "Ser Social".

As escolas deverão ser também espaços de busca e criação onde se resgate, inclusive o valor social do trabalho. Esta é uma das tantas dificuldades com que a escola se depara hoje. Muitas vezes o aluno se pergunta:

— Mas estudar para quê?

É fundamental a definição política do papel da Escola e do Educador numa sociedade em transição como a nossa. Por que, para que e para quem

ensinamos? O que ensinamos? E enfim, a quem servimos?

A partir destas respostas teremos claro o modelo de escola desejável para os processos de uma real mudança social. Uma nova Escola que ajudará a construir um novo mundo, onde o crescimento econômico, o desenvolvimento social e o progresso cultural poderão servir a muitos, trazendo então de modo efetivo a transformação.

Continuando, diria que no fundo esbarramos com a sempre presente discussão entre o "ser" e o "ter". O modelo da sociedade capitalista define como crescimento econômico: cifras, estatísticas, PNB, etc... Será apenas isto o crescimento econômico? Em que momento fomos chamados a discutir sobre o que entendemos como crescimento econômico? Será crescimento econômico comer menos, vestir pior, diminuir cada vez mais o poder aquisitivo e ser cada vez mais infeliz?

Acredito que deveríamos ter escolas capazes de levar o aluno a entender o "economês", que é apresentado sempre numa linguagem erudita e confusa para que nos sintamos cada vez mais distantes de nossa própria história.

Uma escola libertadora tem que desfazer nossos fantasmas, fazer de nós sujeitos e não objetos de nossa história. Se a economia representa a infra-estrutura da sociedade, como desconhecê-la? É uma ótima forma de estarmos sempre excluídos do processo.

E o que vem a ser desenvolvimento social?

Seria essa "facilidade" de ascensão das classes sociais (prêmio da loto, golpe do baú ou quimeras da "aldeia global")? Ou as "estatísticas" que mostram sempre mais escolas, mais alunos matriculados, mais cursos universitários, mais cursos de pós-graduação?

O desenvolvimento social tem um estranho perfil quantitativo e não de qualidade. Trabalham com "o mais", muitas vezes mentirosos e omitem todos "os menos" que estão aí para quem quiser ver. E a qualidade da vida, onde fica?

Quanto ao processo cultural, temos nos limitado a copiar modelos, fruto da nossa história de colonizados. A verdadeira cultura popular é omitida, quando não desprezada. Não quero com isso desvalorizar a cultura universal que a escola deverá passar ao aluno, pois somente com domínio desta poderá ocupar seu lugar no mundo de hoje.

Concluindo, diria que, apesar de não ver a escola com capacidade de fazer sozinha a revolução do nosso tempo, vejo-a como co-participante poderosa na transformação gradativa de nossa sociedade, tão desigual e injustamente dividida. E de fato creio ser impossível falar de crescimento econômico, desenvolvimento cultural sem passar primeiro pelo crescimento, desenvolvimento e progresso das escolas, porque é lá que as crianças e os jovens terão ou não terão a primeira chance de acreditar na vida.